



Crônica da Cidade

por **Conceição Freitas** >> conceicaofreitas.df@dabr.com.br

>> (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

www.dzai.com.br/blog/blogdaconceicao

Epifanias brasilienses

Há um instante inesperado, único, revelador, em que Brasília se apresenta a cada um de seus admiradores. Já ouvi alguém contando que chegava de avião quando viu, lá de cima, a cidade reluzindo. Eram os primeiros anos pós-inauguração. O efeito dos raios de Sol nos edifícios criou uma miragem: em vez de uma cidade, o recém-chegado viu um colar de pérolas.

Athos Bulcão também contava uma epifania brasiliense, já citada aqui em

outras oportunidades: certa noite, acompanhado de uma amiga, caminhava pelo Eixão — à época, uma via expressa solitária e monumental como um anel de Saturno. Reduzido à precária condição humana, Athos foi envolvido pela Via Láctea. A abóbada celeste era um manto estrelado, com a língua densa que caracteriza a galáxia que nos acolhe. O mais importante artista da cidade teve ali a dimensão da infinitude do Universo. “Foi uma experiência cósmica”, disse, em depoimento ao Arquivo Público do Distrito Federal, muito tempo depois.

Também tive a minha epifania brasiliense. Foi no fim da Asa Norte, onde morava, na década de 1990. Num fim de tarde, fomos para debaixo do bloco,

o meu filho que começava a andar e eu. Devia ser um domingo ou um feriado. Ninguém na rua. Não se ouvia nem o zumbido dos carros. Até então, Brasília era o lugar que me dava oportunidades de trabalho.

Naquela tarde, do nada, fui tomada por um sentimento de harmonia com o mundo, com a cidade, com o meio ambiente, com meu filho, com meu destino. Então, eu me disse: “Quero morar numa superquadra o resto da minha vida”. E me senti completamente integrada — não ao cosmo, como aconteceu com Athos Bulcão —, mas ao lugar urbano. Quanta quietude, quanta harmonia de volumes, quantas árvores (um pé de amora e outro de pequi testemunhavam a epifania).

Não mais cortiços, não mais esgotos a céu aberto, não mais o cheiro fétido de uma fábrica de papel, não mais palafitas penduradas sobre rios imundos. A superquadra acalmava a minha ideia de cidade. Uma lâmina vertical de seis andares, suspensas em pilotis, compondo, com outras 10, uma quadra. Todas elas entremeadas de renques de árvores, parques, jardins, contornadas por vias marginais. Cada quatro quadras deveriam compor uma unidade de vizinhança, dentro da qual haveria os equipamentos necessários aos serviços urbanos básicos para um conjunto de residências: escola, igreja, comércio, clube.

Com horários de trabalho extenuantes, plantões em fins de semana e feriados, deixava o meu filho sob a vigilância

das superquadras. Até mesmo as que imitam o projeto urbano de Lucio Costa, o Sudoeste, a Octogonal, as quadras próximas ao Guará, até mesmo elas contêm algumas das boas qualidades das superquadras. E eu me sentia orgulhosa de mim: pude dar ao meu filho a chance de ser criado sob a proteção de debaixo do bloco. Dos amiguinhos da vizinhança, dos porteiros, do ir e vir com segurança (e sem a segregação dos condomínios).

Foi um privilégio os bons anos em que morei numa superquadra. Num país desigual, violento e segregador como o Brasil, foi uma epifania digna da Noruega ou de qualquer outro país que ofereça cidadania, dignidade e urbanidade a seus cidadãos.